

Mundo Tomada de posse do 5.º Presidente de Moçambique

LUISA NHANTUMBO/LUSA



“Estamos a atravessar tempos difíceis”, disse Daniel Chapo

O homem que entrou para a História de Moçambique prometeu “nova fase”, mas o cenário e a retórica fazem temer que, vindo da Frelimo, seja mais do mesmo

António Rodrigues

Ao sentar-se pela primeira vez na cadeira presidencial, Daniel Chapo agarrou no lenço para limpar o suor que lhe escorria da cabeça de cabelo rente. Um gesto normal num dia de sol e de emoções em Maputo, mas que podia ser visto como um ademã de alívio: mais de três meses passados das eleições de 9 de Outubro, a presidência de Moçambique já fala com a sua voz, uma voz que durante todo este tempo de protestos e violência nas ruas de Moçambique optou por calar.

Poucos dias depois de completar 48 anos (6 de Janeiro), o “cidadão” Daniel Francisco Chapo entrou para a História de Moçambique como o seu quinto Presidente no meio de tempos conturbados, admitidos pelo próprio chefe de Estado no seu discurso de posse: “Estamos a atravessar tempos difíceis, e não podemos, nem devemos, ignorar os desafios que enfrentamos diariamente.”

“O discurso foi conciliador”, diz ao PÚBLICO o sociólogo moçambicano João Feijó. Pediu “um minuto de silên-

cio” pelas vítimas dos protestos pós-eleitorais e dos ciclones *Chido* e *Dikeledi*, “dirigiu-se aos membros da oposição, de organizações da sociedade civil, funcionários públicos, desempregados, e anunciou medidas políticas para fazer face a importantes problemas do país: justiça, saúde, educação, segurança, actividades económicas, eficiência administrativa”.

No entanto, “foi omissivo ou bastante vago em relação aos aspectos mais importantes”, como sejam a descentralização administrativa e a despartidarização do Estado, a reforma fiscal, a questão da exploração mineira, etc. “Focou muito ao de leve a questão das minas, mas não falou na transparência do sector extractivo. Focou a reforma fiscal, mas foi muito suave na revisão de isenções fiscais de grandes projectos, ou de contratos de privados com o Estado e empresas públicas, lesivos para o Estado, refere Feijó.

O Presidente prometeu um diálogo “franco, honesto e sincero” com as forças políticas, sublinhou “a estabilidade social e política” como uma

“prioridade das prioridades” e dirigiu-se “a cada um dos moçambicanos, não como um Presidente distante, mas como um filho” de Moçambique que reconhece os “tempos difíceis” que o país atravessa, onde há “muitos compatriotas” que vão dormir “sem uma refeição condigna”

Aos “jovens que enfrentam o desespero do desemprego”, esses que compõem o grosso dos que protestam nas ruas desde 20 de Outubro e continuaram a protestar ao longo do dia de ontem, já depois de investido o novo Presidente, Daniel Chapo garantiu que “a falta de oportunidades não é um destino inevitável”. No entanto, ao invés de empregos, prometeu mais celeridade burocrática para o empreendedorismo: “Vamos criar um ambiente onde os jovens possam investir, abrir negócios e construir o seu futuro. Chega de burocracias que apenas atrapalham. O nosso objectivo é simplificar, promover o sector privado e abrir as portas do crescimento económico para a juventude.”

Para o sociólogo Elísio Macamo, professor na Universidade de Basileia e comentador do *podcast* do PÚBLI-

Daniel Chapo é saudado pelo seu antecessor, Filipe Nyusi, no Palácio da Ponta Vermelha

“Presidente eleito pelo povo” Mondlane à procura de ser um Guaidó mas com mais sucesso

CO Na Terra dos Cacos, “o discurso podia ter sido melhor”. Em vez dos “problemas materiais”, deveria “ter abordado os verdadeiros problemas que, neste momento e sob o pano de fundo das manifestações, são políticos e têm que ver com a natureza disfuncional do sistema político”.

Para Macamo, “não é com menos ministérios ou com banco de desenvolvimento” que se fazem desaparecer esses problemas, mas com “a reforma” da Frelimo e o fim da “protecção do Estado ao apetite rapina desse partido”. Por isso, o sociólogo moçambicano mostrasse decepcionado, embora, admita que, “conhecendo a Frelimo”, não estaria verdadeiramente à espera de “outra coisa”.

“O discurso vai ao encontro da imagem que Chapo tem passado: mais conciliador e aberto, especialmente se comparado com seu antecessor”, refere Natália Bueno, investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. “O importante aqui, diria eu, é ver se de facto será materializado; ou seja, se passará de palavras a acções concretas.”

O certo é que o discurso de Chapo sublinhava o início de “uma nova era” de manhã, e à tarde já havia oito manifestantes mortos às mãos da polícia, de acordo com a Plataforma Eleitoral Decide, para lembrar como das palavras aos actos vai uma distância considerável. Além disso, por mais que Chapo leia melhor os discursos que o seu antecessor, Filipe Nyusi, nem os seus melhores dons de oratória seriam capazes de impedir o forte e carismático chamamento ao protesto do candidato presidencial Venâncio Mondlane, que se autoproclamou Presidente nas ruas.

Mais ainda quando o discurso foi lido numa Praça da Independência, em Maputo, transformada em fortaleza, rodeada por um enorme aparato de segurança de várias barreiras que impedia a aproximação de qualquer pessoa sem convite. No único acesso, através da Avenida 25 de Setembro, segundo o site moçambicano Integrity Magazine, os agentes com *scanners* mantinham os intrusos à distância e confiscavam brincos, perfumes e até álcool gel, avaliados como ameaça à segurança.

O discurso de Chapo acabou, como lembra Feijó, com a frase de campanha “vamos trabalhar”, numa ideia de “vamos trabalhar para mudar o país”, mas o que se ouve, o que fica nos ouvidos de muitos, é “mais ou menos aquela máxima segundo a qual é preciso que mude alguma coisa, para que tudo fique na mesma”.

Venâncio Mondlane reiterou ontem que foi eleito Presidente da República de Moçambique e dentro de dois dias irá mesmo apresentar “as medidas governativas para os primeiros cem dias” da sua governação. No dia em que Daniel Chapo tomava posse como chefe de Estado, sucedendo a Filipe Nyusi no Palácio da Ponta Vermelha, Mondlane recorria como habitualmente ao Facebook para reclamar para si esse cargo, como “Presidente eleito pelo povo, de forma aberta e original”.

Numa decisão política que faz lembrar Juan Guaidó, o candidato da oposição venezuelana que chegou a ser reconhecido por muitos países como verdadeiro Presidente da Venezuela, Mondlane continua a insistir que foi ele e não Chapo o candidato mais votado nas eleições fraudulentas de 9 de Outubro.

“Tivemos uma tomada de posse do candidato nomeado pelo Conselho Constitucional, não o candidato eleito. Foi um teatro, um espectáculo de circo”, disse, citado pela Lusa, sobre Chapo, que sucedeu a Filipe

Nyusi, ontem, numa “cerimónia fechada, triste, que fica na História pela negativa”, na opinião de Mondlane. “Já eu, quando tomei posse, em 9 de Janeiro [dia em que regressou a Moçambique após dois meses e meio fora do país por alegadas questões de segurança], foi num ambiente aberto, no aeroporto, próximo do povo”, comparou.

Por falar em comparações, a “fábrica” de *memes* moçambicana já ontem chamava plagiador a Chapo por andar a copiar ideias (e retórica) de Mondlane no seu discurso. O autoproclamado Presidente preferiu chamar-lhe “bom aluno” e disse à SIC que 95% das medidas apresentadas por Chapo no seu discurso foram defendidas por ele durante a campanha ou nas suas análises e comentários na televisão nos últimos dois anos.

Por exemplo, nesta passagem do discurso da tomada de posse: “Sei que muitos de nós sentem que os dirigentes estão distantes, inacessíveis e desligados das preocupações reais do povo. Isso vai mudar. Quem

ocupar um cargo público terá de estar disponível para ouvir, servir e responder às preocupações do povo. Estamos aqui para servir e não nos servir. Quero deixar claro: quem exige ‘comissões’ para fazer o seu trabalho está a roubar o povo.”

Mondlane está em comunicação com Chapo através de um amigo



Venâncio Mondlane veio dizer que já falou com Daniel Chapo através de um amigo comum

comum, confidenciou o candidato presidencial ontem ao *New York Times* em Maputo, esperando que o novo Presidente esteja mais aberto que o seu antecessor a negociar uma resolução para o conflito político criado pelo conturbado processo eleitoral de 9 de Outubro. E essa resolução tem de passar necessariamente pela reforma da Constituição e das instituições de Governo.

“Temos de dar ao povo alguma coisa muito crucial e algo tangível”, disse Mondlane ao jornal norte-americano. Nomeadamente, a construção de três milhões de casas para os mais pobres e criar um fundo de cinco mil milhões de dólares para *startups* lideradas por mulheres e jovens. “Não sei se todos os pontos que estão na minha proposta serão satisfeitos ou não, mas penso que iremos criar uma plataforma de diálogo.”

Amanhã, às 15h locais (menos duas em Portugal continental), Mondlane irá anunciar as suas cem medidas de governo e garantiu na sua *live* de ontem que são para serem cumpridas, tanto pelo sector público como pelo sector privado, e até por Daniel Chapo. Sobre como irá implementar essas medidas e fiscalizar a sua posta em prática, o candidato presidencial não disse, mas garantiu que os moçambicanos “que estão na rua desde segunda-feira” estão “determinados a impor a verdade do Moçambique original”. **A.R.**

Independência e homem novo

Opinião



António Rodrigues

A independência de Moçambique é exclusiva e reserva o direito de admissão. A Praça da Independência, em Maputo, diga-se, a mesma que recebeu na manhã de ontem a cerimónia de investidura do quinto Presidente da República de Moçambique sob forte aparato de segurança e perante um pequeno grupo de apoiantes, sentado e com cartazes nitidamente feitos nas tipografias do Estado (ou da Frelimo), e (não tão) altas individualidades. Excepção feita a Cyril Ramaphosa, da vizinha África do Sul, e Umaro Sissoco Embaló, da Guiné-Bissau.

Como escreve o *site* Integrity Magazine, “a praça, rodeada de barricadas e supervisionada por um exército de agentes de segurança, parecia mais uma fortaleza do poder do que um espaço público”. Mesmo que uma parte do povo quisesse assistir ao jurar da

Constituição do novo chefe de Estado – aquela que votou em Daniel Francisco Chapo e continua a acreditar no projecto da Frelimo –, o protocolo do Estado vedou-lhe a possibilidade de assistir à cerimónia.

Para um Presidente que reconheceu no seu discurso os “tempos difíceis”, a fome pela qual muitos moçambicanos passam diariamente e os “níveis preocupantes” de desemprego, sobretudo entre os jovens (os mesmos que dão o corpo às balas nos protestos convocados por Venâncio Mondlane);

Para um Presidente que prometeu assumir como “prioridade das prioridades” a estabilidade social e política, que falou em diálogo, harmonia social e construção do bem-estar para todos;

Para um Presidente que se quis dirigir “a cada um dos moçambicanos, não como um Presidente distante”;

O ambiente traiu-o. Aquela Praça da Independência, sitiada pelos seus próprios temores numa redoma securitária

impenetrável, podia servir para transmitir inúmeras mensagens, nenhuma delas de proximidade.

Por isso, quando Daniel Chapo falou de uma “uma nova fase”, a fase parecia a mesma só que com outro interveniente, mais alto, muito mais alto que o anterior – e não era disso que se tratava.

A sua investidura na fortaleza daquela praça de Maputo, rodeado pelos VIP do regime, da diplomacia e do partido no poder, lendo um discurso escrito com entaves retóricos (“consolidação da construção de uma nação”?) aplaudido por meia dezena de membros do “povo” escolhidos a dedo e adestrados para reagir às palavras com um entusiasmo de fabrico alheio, dava à tal “nova fase” os contornos da velha, da outra: soava a mais do mesmo.

Por isso, quando Daniel Chapo leu “ouvimos as vossas vozes”, falando para aqueles que protestam nas ruas desde 20 de Outubro, a retórica saiu-lhe sem a amplitude sonora desejada.

No ano da graça de 2025, que é o ano da graça dos 50 anos da independência de Moçambique,

num país onde os presidentes que chegam reconhecem “os tempos difíceis” e prometem fazer melhor (e acabam por não fazer), a praça selada da Independência não funcionou como caixa-de-ressonância. Mais parecia o beco esconso onde a Frelimo enfiou as avenidas largas por onde devia passar o homem novo que, ao fim do exercício ininterrupto de meio século de poder, já mostrou que nunca é novo, só estreia camisa.

Samora Machel, Joaquim Chissano, Armando Guebuza, Filipe Nyusi e agora Daniel Chapo sucederam-se por imperioso constitucional. Cinco vezes dez igual a cinquenta.

Nem Machel Chissano Guebuza de Nyusi geraram o homem novo, nem é novo o rasto que deixaram para ser seguido pelo apelido que agora se junta a esse acrónimo presidencial: na lista actualizada dos países mais pobres, Moçambique lá está, no quarto lugar da tabela. Tantos “tempos difíceis” depois.

Jornalista